

# CONCEPÇÕES DA NATUREZA E AS RELAÇÕES COM O CAPITALISMO | ANÁLISE DOS CENÁRIOS PÓS-COVID-19 NA FRANÇA<sup>12</sup>

---

*Conceptions of nature and relations with capitalism: analysis of the post-Covid-19 scenarios in france*

CARY, Paul<sup>3</sup>

RODRIGUEZ, Jacques<sup>4</sup>

**Resumo:** O presente artigo destaca que a forma como as ciências sociais abordaram a natureza influencia diretamente a concepção das atuais lutas pelo meio ambiente. Para isso, os autores baseiam sua análise em uma seleção de artigos da imprensa francesa relacionados à Covid e aos possíveis cenários pós-Covid. Embora todas as formações políticas e todas as políticas públicas adotem hoje uma retórica *environment friendly*, os posicionamentos teóricos, relativamente intangíveis, situam-se ora no naturalismo ora numa reflexão sobre as interrelações entre a natureza e o mundo social. Quatro tipos ideais intelectuais são apresentados. Os dois primeiros, pró e anticapitalista, evoluem simetricamente e com pouca consideração pela natureza, que é vista essencialmente, por aqueles, como um recurso e um potencial de crescimento, e por estes, como um sinal de contradições capitalistas. Os pensadores dos "comuns", por sua vez, insistem mais nas modalidades de como institucionalizá-los do que na prioridade que deve ser dada a determinado elemento da biosfera. Por fim, as reflexões sobre a conservação e regeneração da natureza parecem ser, em termos ecológicos, as mais ambiciosas, ao defenderem, por exemplo, um "princípio geral de não interferência".

**Palavras-chaves:** Covid. Natureza. Meio-ambiente. Comuns. Lutas ecológicas.

**Abstract:** This article points out how the idea of Nature, as formulated by social scientists, has shaped the intellectual formation of environmental movements and struggles. In order to do so, we will examine a selection of French newspaper articles, all related to coronavirus and post-COVID scenarios. Although all political formations and policymakers make use of environment-friendly rhetoric, their theoretical positions still remain fundamentally the same: divided between, on the one side, naturalism, and on the other, a more nuanced study of the various relations between nature and society. Four intellectual ideal-types can therefore be brought out. The first two, either pro- or anticapitalistic, follow a rather symmetrical path, that relegates nature to the background. It is seen only, by some as a resource, offering a potential for growth, and by the others as

---

<sup>1</sup> Recebido em: 12 Ago. 2020 | Aceito em: 30 Set. 2020

<sup>2</sup> Traduzido do francês por Matheus Viegas Ferrari, ORCID 0000-0003-2545-3068. Título original : *Conceptions de la nature et rapports au capitalisme : Analyse des scénarii post-covid-19 en France*.

<sup>3</sup> Professor e Sociólogo. Université de Lille (França). <https://pro.univ-lille.fr/paul-cary>. paul.cary@univ-lille.fr.

<sup>4</sup> Professor e Sociólogo. Université de Lille (França). <https://pro.univ-lille.fr/jacques-rodriguez>. jacques.rodriguez@univ-lille.fr

the mirror of capitalist contradictions. Conversely, the “commons” thinkers emphasize the various ways these sites were institutionalized, rather than giving priority to one or another element of the biosphere. Reflections about the conservation and regeneration of this Nature therefore appear, from an ecological standpoint, as the most ambitious, proposing for example a “general principle of non-interference”.

**Keywords:** COVID. Nature. Environment. Commons. Ecological Struggles.

A crise da Covid-19 deu origem a múltiplas análises, interpretações e comentários que revelam uma série de representações acadêmicas e políticas da nossa relação com a natureza - ou com o meio ambiente. Embora a pandemia esteja ligada a uma zoonose, que se refere à antropização de espaços selvagens e a uma concepção da natureza como um plantio sobre o modelo industrial (Tsing, 2018), é interessante notar que sua interpretação se dá de forma controversa em dois níveis. O primeiro nível é o do caráter natural ou antropogênico do vírus, ao passo que o segundo se refere à responsabilidade do capitalismo nesse processo.

Nesse contexto, para Luc Ferry<sup>5</sup>, filósofo e crítico ferrenho da ecologia política, "devemos ser lembrados que a Covid-19 é completamente natural?"<sup>6</sup>. Segundo ele são, de fato, os "costumes ancestrais e locais chineses" que estão na origem da doença. A globalização contemporânea só teria acelerado o seu processo de circulação. Em contrapartida, para Bruno Latour<sup>7</sup>, "o vírus não tem nada a ver com a 'natureza' ", pois deve ser analisado nos modos de recepção altamente diferenciados que indivíduos, grupos sociais e nações têm enfrentado. A ideia de uma natureza que nos é externa é criticada aqui: "a imagem de um evento natural que viria de fora e cairia uniformemente sobre os pobres humanos não faz, rigorosamente, sentido nenhum".

Em segundo lugar, a destruição capitalista da natureza é a abordagem dominante e apareceu de forma expressiva nos diferentes pontos de vista sobre a epidemia. Philippe Descola<sup>8</sup> vê o próprio capitalismo como um vírus que destrói o planeta. Embora admita que "sem dúvida os mercados tradicionais chineses estão contribuindo para o

---

<sup>5</sup> Luc Ferry, « Pas d'écologie sans capitalisme », *Le Figaro*, 21 de maio 2020

<sup>6</sup> NDT: Todas as citações diretas também foram traduzidas do francês.

<sup>7</sup> Bruno Latour, « Le Covid comme crash test », *Libération*, 13 de maio 2020

<sup>8</sup> Philippe Descola, « Nous sommes devenus des virus pour la planète », Entretien avec Nicolas Truong [Entrevista com Nicolas Truong], *Le Monde*, 20 de maio 2020

desaparecimento do pangolim ou do rinoceronte", ele considera que "as redes de contrabando de espécies protegidas que os alimentam operam segundo uma lógica perfeitamente capitalista". Esse também é o ponto de vista de Frédéric Lordon, ao evidenciar que a causa da epidemia não está "na falta de sorte, mas na exploração capitalista da natureza e na conseqüente falta de ordenamento na partilha de habitats entre humanos e animais, abrindo espaço a todas as zoonoses". Tanto que para esse autor, "somente o desvio incomum através do vírus nos impede de ver que estamos lidando com uma crise *interna* ao capitalismo - no primeiro sentido da palavra: uma crise *do* capitalismo". Há, porém, uma mudança de raciocínio: se, para Descola, a crise é causada pelo capitalismo, para Lordon é uma crise do próprio capitalismo.

Outras abordagens, como as de Virginie Maris<sup>9</sup>, se mostram mais nuançadas. Para a filósofa, a nossa falta de conhecimento ecológico tende a aumentar a intensidade das crises: "não tendo coevoluído com outras espécies, nesse caso espécies selvagens de florestas tropicais, nossos corpos, nossas sociedades e, por fim, a nossa espécie não podem absorver patógenos que saíram, entre aspas, de seus nichos, de seus ambientes naturais". Além do capitalismo, é a nossa indiferença à natureza que parece ser uma das principais causas da crise. Este tema da coexistência perigosa e da transmissão de patógenos também foi retomado por Frédéric Keck, ou ainda por Fromantin e Sicard, que enfatizam, ao contrário, que "colocar a natureza na cidade é uma promessa perigosa"<sup>10</sup>. De fato, a transposição de animais ou micro ecossistemas para as áreas urbanas nos exporia a riscos: deveríamos pensar em alternativas à concentração urbana e ao desmatamento, em vez de importar potenciais vírus para a cidade.

Esses pontos de vista refletem diferentes representações da natureza: Ferry, por exemplo, mantém uma forte posição "naturalista", que compreende uma divisão entre natureza e cultura. Essa posição naturalista, ainda que fortemente criticada, permanece estruturante no Ocidente, como observamos nos muitos discursos que evocam a "vingança da natureza". Além disso, com exceção do Latour, a maioria dos autores parte

---

<sup>9</sup> Virginie Maris : "Réévaluer ce à quoi nous tenons", Entretien avec Camille Crosnier [Entrevista com Camille Crosnier], France Inter, 20 de maio de 2020.

<sup>10</sup> Frédéric Keck, « Des maladies symptomatiques de la mondialisation », *Le Un*, n°291, 8 de abril de 2020 ; Jean-Christophe Fromantin, Didier Sicard, « Coronavirus : « Les nouvelles configurations urbaines portent en germe des déflagrations écologiques à haut potentiel de viralité », *Le Monde*, 8 de abril de 2020.

deste dualismo natureza/cultura em suas análises. Mesmo Latour considera - para seu pesar - que as reações ao vírus reforçarão o dualismo natureza/cultura e a divisão entre a representação dos seres humanos pela política e a dos não-humanos pela ciência. A reação dos Estados Unidos à China, acusada de ter inventado e disseminado o vírus, ou ao GAFA e ao Bill Gates testemunharia assim nossos antigos reflexos modernos: continuar a fazer política clássica e antiquada diante de novos fenômenos que não conseguimos alcançar.

Além disso, a crise da Covid-19 ocorre num momento histórico único do ponto de vista ecológico. De fato, múltiplos indicadores apontam para uma degradação sem precedentes da biosfera: mudança climática, desmatamento acelerado, extinção em massa de espécies, mudanças no uso da terra etc. Embora muitas mobilizações de cunho ambiental tenham ocorrido, pode-se considerar, sobretudo após os anos 1970, que elas estão se tornando mais numerosas e mais robustas diante da conjuntura atual. Novas mobilizações como as "Marchas Globais pelo Clima", novas figuras da mídia e novos movimentos (Extinction Rebellion) parecem testemunhar essa transformação e se unem a lutas historicamente mais arraigadas, em especial às das ZADs<sup>11</sup> ou às lutas contra o extrativismo. Neste artigo, não discutiremos a capacidade desses movimentos de influenciar a historicidade das sociedades contemporâneas diante de políticas antiecológicas que são hoje hegemônicas. No entanto, ressaltaremos que, assim como os diagnósticos da Covid-19, essas políticas estão enraizadas em representações particulares da natureza.

Mais precisamente, defendemos neste artigo a seguinte tese: a forma como as ciências sociais têm abordado a natureza e as controvérsias contemporâneas sobre o assunto influenciam diretamente a concepção das lutas pelo meio ambiente, hoje em pleno crescimento. Assim, como mostram os diferentes posicionamentos ligados à análise da Covid e aos cenários pós-Covid, as mobilizações em torno da ecologia oscilam entre um polo herdeiro do naturalismo, que toma como parâmetro uma natureza externa, e um polo voltado principalmente para a questão dos "comuns", no qual o meio ambiente é pensado apenas como um híbrido. O que está em jogo nessa controvérsia está menos no debate teórico sobre a natureza do que na escolha de uma prioridade ideológica e política. Para

---

<sup>11</sup> NDT: *Zones à défendre* ou "Zonas a serem defendidas" em português.

os defensores do "naturalismo", a urgência é, antes de tudo, proteger o que resta da natureza, ao passo que para os segundos a prioridade é a derrubada do capitalismo. A tese que defendemos é que qualquer saída deve combinar uma preservação da "parcela selvagem do mundo" [Maris, 2018] e uma instituição dos "comuns". Sem tal aliança, ecologistas e anticapitalistas podem muito bem se olhar atravessado e tornar ilusória a formulação de propostas políticas alternativas sólidas - pelo menos mais robustas do que aquelas que promovem um "capitalismo verde".

Assim, após voltarmos às concepções de natureza transmitidas pela sociologia (1), mostraremos que elas determinam em grande parte as orientações políticas das diversas mobilizações em favor do meio ambiente (2), e que elas se encontram - com os devidos limites - nas análises e reflexões suscitadas pela crise da Covid-19 (3).

#### **-I- Ausente, separada, dominada ou integrada: a natureza na sociologia.**

Podemos considerar que, desde suas origens até os anos 1980, a sociologia abordou, resumidamente, a natureza de três maneiras: pela desconfiança, pela ausência e pela distância. Primeiramente, após a Revolução Francesa e com o fim do Antigo Regime, os fundadores da sociologia tomam como causa a defesa das dinâmicas do Iluminismo e do Progresso. Assim, a ideia de uma ordem imutável, pautada na natureza das coisas, será objeto de críticas sistemáticas. Tal projeto será desenvolvido, sobretudo, através do conceito de cultura, que leva à ocultação de fenômenos naturais. Os sociólogos passam então a considerar que todas as práticas humanas, incluindo as funções biológicas, estão sujeitas ao aprendizado social. O trabalho de Mauss sobre as "técnicas do corpo" ou o trabalho de Mead sobre formas de socialização são emblemáticos disso. Norbert Elias, através do "processo civilizatório", informa sobre o controle dos impulsos e a interiorização das normas que o impulsionam. Em terceiro lugar, a natureza (no sentido de meio ambiente) aparece como o pano de fundo da ação humana, reconhecidamente mais ou menos restritivo aqui ou ali, mais ou menos degradado por certas indústrias, mas ao qual os sociólogos prestam pouca atenção - em contraste com parte da antropologia. Basicamente, enquanto a economia considera a natureza como um recurso, a sociologia

está mais interessada na forma como os frutos do crescimento são distribuídos do que na exploração desenfreada deste recurso (e dos países do sul global) <sup>12</sup>.

Essas abordagens foram contestadas no final dos anos 70, principalmente nos Estados Unidos [Catton e Dunlap, 1978], por alguns sociólogos que reabilitaram a ideia da irreducibilidade dos fenômenos naturais à análise feita através dos fatos sociais. No entanto, de maneira geral, a sociologia europeia lhes dá pouca importância, especialmente porque o desenvolvimento de uma sociologia do risco [Beck, 1986] foi capaz de radicalizar ainda mais esta divisão entre natureza e cultura, considerando que, na verdade, não havia mais nada de "natural". Na realidade, são os antropólogos [Viveiros de Castro, 2014; Descola, 2005] que vêm a desenvolver uma crítica argumentada sobre o "naturalismo". Seus trabalhos têm desafiado esta partilha natureza/cultura, apresentada como uma modalidade das relações entre humanos e não-humanos. A esse respeito, o projeto levado a cabo por Bruno Latour em *Jamais fomos modernos* tende a considerar que a divisão natureza/cultura - ou não-humanos/humanos - não passa, em última análise, de uma dissociação, decorrente da Modernidade, entre a representação das coisas e a representação dos seres humanos.

Se tentarmos resumir essas diferentes concepções a partir de tipos ideais, podemos considerar que os posicionamentos naturalistas têm duas variantes principais: a primeira considera a natureza como puro recurso; a segunda considera que a separação entre cultura e natureza corresponde a uma proteção necessária dessa última. Essa é, em termos gerais, a clássica oposição presente nos debates estadunidenses entre Gifford Pinchot e John Muir<sup>13</sup>, dois influentes autores cujas ideias foram capazes de coexistir porque os defensores da natureza selvagem não estavam muito interessados em criticar as políticas de crescimento [Bergandi, Blandin, 2012; Martinez-Allier, 2014]. Dessa forma, ambas as vertentes do naturalismo (explorar vs preservar) parecem agora mais antinômicas, especialmente sob o ímpeto do *rewilding* (refaunação), que se opõe à antropização desenfreada promovida pela exploração capitalista.

---

<sup>12</sup> Há, no entanto, algumas notáveis exceções. É o caso de certos textos da Primeira Escola de Frankfurt, em particular os de Adorno e Benjamin - seguramente mais filósofos do que sociólogos.

<sup>13</sup> John Muir (1838-1914), que era próximo de Emerson e Thoreau, foi um defensor da preservação absoluta da natureza, ao passo que Gifford Pinchot (1865-1946) foi um defensor de uma conservação da natureza que não impedisse a sua exploração racional.

De forma análoga, uma abordagem que coloca maior ênfase na importância *das relações* com o meio ambiente também pode ser dividida em duas. Há aqueles que, como Latour, enfatizam os "híbridos" (desse ponto de vista, o meio ambiente é uma co-produção) e há, em contrapartida, aqueles para os quais a natureza é apenas um pano de fundo contra o qual as desigualdades sociais são projetadas - o que corresponde a uma grande parte da sociologia contemporânea. Por um lado, teremos então todas as mobilizações nascidas, tanto no norte global como no sul global, sob a bandeira da justiça ambiental, lutas contra o extrativismo, ZADs<sup>14</sup>, etc.; por outro lado, listaremos as lutas ecológicas que, na realidade, contribuem para a renovação das lutas sociais. Nesse caso, a causa ecológica é concebida, essencialmente, como uma estratégia para amplificar as alternativas ao capitalismo. (Figura 1)

Natureza separada do social	Natureza e social integrados
Naturalismo de preservação ( <i>wilderness</i> , refaunação do mundo)	Natureza como coprodução (Críticos do naturalismo: Latour, Descola, etc.)
Naturalismo de predação (economia, desenvolvimento sustentável)	Natureza como reflexo das desigualdades sociais (Sociologia clássica)

Figura 1. Concepções da natureza na sociologia

Como sugerido na observação anterior, é possível associar essas concepções da natureza a tipos ideais que se posicionam em relação às prioridades da ação política. Assim, pode-se argumentar que as mobilizações ecológicas são impulsionadas principalmente por dois paradigmas: o da natureza selvagem e o dos "comuns" (que em última análise não são mais do que os híbridos no sentido de Latour). Inversamente, a natureza não parece ser a primeira prioridade quando é considerada apenas como um

<sup>14</sup> NDT: No original, "*Zones à défendre*", mas por falta de equivalência em português, optou-se aqui pela sigla.

recurso a serviço do crescimento, e menos ainda quando é percebida como a estrutura dentro da qual as relações sociais de dominação acontecem. (Figura 2)

A natureza	Os comuns (híbridos)
O sistema econômico/os dominantes	Os dominados

*Figura 2. Prioridades políticas associadas a essas concepções da natureza*

## **-II- Lutas ambientais desordenadas**

Em uma tipologia clássica, Martinez-Allier [2014] <sup>15</sup> distinguiu três correntes principais dentro do movimento ambientalista. O primeiro, "*the wilderness thinking*", tende a dar prioridade à preservação dos espaços naturais, numa tentativa de impedir ou retardar a antropização. O próximo, o "evangelho da ecoeficiência", advoga a modernização ecológica através do uso eficiente dos recursos, confiando no progresso científico e nos avanços tecnológicos: esse é o caminho para o desenvolvimento sustentável. Por fim, "ecologismo dos pobres" refere-se à mobilização de todos aqueles para os quais os habitats são destruídos pela busca do crescimento econômico.

Novos movimentos de protesto com uma forte dimensão ecológica surgiram nos últimos anos. As "Marchas Globais pelo Clima" e outras manifestações coordenadas e centradas em negociações internacionais estão, portanto, tentando pressionar os governos; elas podem ser transmitidas por apelos por um *Green New Deal*, como é o caso na Europa impulsionada por Ursula von der Leyen ou nos Estados Unidos. Outras mobilizações podem optar por um marco mais institucionalizado ao, por exemplo, defender os direitos da própria natureza (ou Pachamama), como é o caso no Equador, ou por meio de procedimentos jurisdicionais destinados a ter a personalidade jurídica de certos ecossistemas reconhecidos. Essas mobilizações também podem tomar a forma de

---

<sup>15</sup> NDT: No Brasil, Martinez-Allier, Joan, 2007, *O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração*, São Paulo, Contexto.

lutas pela justiça ambiental (esse "ecologismo dos pobres") ou de ZADs como em Notre-Dame-des-Landes. Finalmente, elas podem corresponder a práticas alternativas, como no caso das *transition towns* iniciadas pelo britânico Rob Hopkins, ou em certas mobilizações "colapsistas" (como no caso da colapsologia na França).

Muitas dessas mobilizações enfatizam a necessidade de levar o meio ambiente em consideração, destacando as interdependências que os seres humanos têm com as comunidades bióticas. Vários desses movimentos são criticados por seu caráter apolítico: é o caso, por exemplo, das *transition towns*, um movimento no qual ações práticas prevalecem sobre suas teorizações<sup>16</sup>; mas é também o caso das "Marchas Globais pelo Clima", criticadas por sua dimensão consensual, na medida em que integram, em grande medida, a retórica da modernização ecológica. Também podemos considerar que a retomada integral dessas mobilizações - por governos ou empresas capitalistas - abre um novo capítulo no "evangelho da ecoeficiência", que passa a ser uma ideologia amplamente compartilhada.

No entanto, esses movimentos não são unitários nem uniformes, e pode-se notar que são inclusive fragmentados. Por um lado, algumas mobilizações concentram-se principalmente na proteção ambiental e validam o argumento de Dipesh Chakrabarty [2009]<sup>17</sup>. De fato, esse autor considerou, por um lado, que mesmo o capitalismo e os mais ricos serão afetados pela crise climática e, por outro lado, que a mudança climática sobreviverá ao capitalismo, de modo que a crítica do capital por si só não seria suficiente para armar lutas ecológicas. Além disso, há aqueles que consideram que a questão central e determinante persiste, precisamente, nessa oposição radical ao capitalismo. Esse é o caso, por exemplo, das mobilizações pró-ZADs, cuja estratégia é ter bases fixas de operações capazes de estimular a luta contra o sistema. Desse ponto de vista, as

---

<sup>16</sup> Esse movimento, que aparece principalmente em Totnes, em Devon, onde vive Hopkins, visa a se libertar da dependência das energias de carbono desenvolvendo um modo frugal, sustentável e coletivo de se viver. O objetivo é, portanto, o de promover mudanças a nível local sem necessariamente visar a uma mudança de alcance político mais amplo.

<sup>17</sup> Segundo a conclusão do autor: «Climate change, refracted through global capital, will no doubt accentuate the logic of inequality that runs through the rule of capital; some people will no doubt gain temporarily at the expense of others. But the whole crisis cannot be reduced to a story of capitalism. Unlike in the crises of capitalism, there are no lifeboats here for the rich and the privileged (witness the drought in Australia or recent fires in the wealthy neighborhoods of California) » [Chakrabarty, 2009, grifo nosso].

mobilizações pró-meio-ambiente que não visam ao capitalismo são, portanto, amplamente criticadas. Andreas Malm [2017], em específico, critica a concepção bastante - e até excessivamente - abstrata de Chakrabarty da humanidade como um "novo agente geológico". Dessa forma, o pensamento antropocênico, que parece ter inicialmente desconstruído processos naturais ao integrá-los à ação humana, tenderia aqui a renaturalizá-los ao racionalizá-los a "uma característica humana inata" [p. 9], negando assim processos históricos. De fato, a narrativa antropocênica atribui à abstração "espécie humana" (composta de pessoas tão diversas quanto os aborígenes australianos e banqueiros londrinos) a mesma responsabilidade pelas transformações geológicas - desde a conquista do fogo até a máquina a vapor. No entanto, essas responsabilidades estão na verdade muito desigualmente distribuídas entre os países e entre os grupos sociais dentro de cada país [Mitchell, 2011; Fressoz, 2020]. De acordo com Malm, tal raciocínio levaria, em última instância, a crer que os processos de produção capitalistas são processos naturais, específicos das espécies, o que "tem o efeito de excluir qualquer perspectiva de mudança" [Malm, 2017, p.12].

Em uma extensa resposta, Chakrabarty [2016] destacou três pontos-chave. Primeiro, é indiscutível, explica, que as crises climáticas "afetam os países mais pobres e os mais pobres dos países ricos" [p. 107]. Entretanto, é igualmente indiscutível que o aquecimento global e um possível colapso afetarão todas as populações: por que, além disso, os países mais ricos que são hoje "pouco conhecidos por seu altruísmo" [p. 108], preocupam-se com políticas de "transição", se não para evitar consequências das turbulências atuais? Finalmente, para Chakrabarty, considerar a crise climática como apenas mais uma variante das crises cíclicas do capitalismo implica uma importante relativização das mudanças ecológicas: ironicamente, a esquerda anticapitalista associa a crise climática a um desafio que o capitalismo poderia facilmente absorver em suas estratégias e, portanto, tende a essencializar o capitalismo, um sistema intangível que no fim das contas conseguiria resistir a tudo.

Esse debate entre Chakrabarty e Malm sobre a necessidade - ou não - de desglobalizar a narrativa antropocênica, de diferenciar legados históricos ou de politizar ainda mais a questão das responsabilidades, é revelador das fragmentações que atravessam as lutas pelo meio ambiente. A figura 3, abaixo, tenta dar conta disso. As categorias definidas por Martinez-Allier [2014] são retomadas e ampliadas; vários

exemplos de mobilizações também são acrescentados. É evidente que "o ecologismo dos pobres" se refere a uma teoria da natureza que faz dos "comuns" ou das interdependências seu ponto cardeal, já que o que se defende corresponde a "habitats" e não a uma natureza "desligada" das relações sociais, como é o caso da categoria "*wilderness thinking*". Destaca-se também como a relação com o capitalismo estrutura fortemente as oposições: inimigo de uns, porque associado à devastadora globalização liberal, o capitalismo aparece para outros, se não como uma resposta aos desafios ambientais, pelo menos como um sistema intangível que deve ser levado em conta.

**Proteção do meio-ambiente ++**

<b>Pró-capitalismo</b>	<p><i>Transitions towns</i> (Hopkins)                  Colapsologia (Servigne)                  Permacultura  <b>"Wilderness Thinking"</b>                  Greta Thunberg                  Marchas Globais pelo Clima</p>	<p>Pachamama / Comuns                  Pós-desenvolvimento / Pró ZADs                  Decrescimento  <b>"Ecologismo dos pobres"</b></p>	<b>Anticapitalismo</b>
	<p><i>Green New Deal</i>                  Economia verde (Rifkin)  <b>"Evangelho da ecoeficiência"</b>                  Capitalismo <i>High Tech</i>                  Sobrevivencialismo</p>	<p>ATTAC    <b>Movimento social clássico</b>                  Lordon, Negri                  Sindicatos tradicionais (CGT<sup>18</sup>)</p>	

**Proteção do meio-ambiente - -**

Figura 3. Diagrama das mobilizações pelo meio-ambiente

<sup>18</sup> NDT: Confédération générale du travail, em português "Confederação geral do trabalho", uma importante confederação sindical francesa.

### **-III- Os cenários pós-Covid-19, reveladores das formas de se relacionar com a natureza e com o capitalismo**

Os vários cenários pós-Covid ilustram muito bem as fragmentações destacadas nas duas primeiras partes e como elas permeiam as narrativas contemporâneas alternativas. De fato, a crise ligada à pandemia deu origem a diversas propostas públicas referentes a como a organização política, econômica e social do mundo deveria ser no futuro. Em outras palavras, quais são as lições a serem aprendidas com esta epidemia? E qual(is) ramificação(ões) deve(m) ser considerada(s)? As respostas a essas perguntas diferem em função da compreensão dos autores e dos atores sobre a natureza e o papel do capitalismo na incidência e na disseminação da zoonose. Um exame cuidadoso dos artigos publicados na imprensa francesa revela as quatro posições contrastantes descritas anteriormente.

Alguns consideram que a pandemia do coronavírus é sobretudo uma "crise ambiental", como sustenta o filósofo Dominique Bourg: é o resultado da agressão incessante à qual a natureza está sujeita devido à exploração excessiva de recursos (florestas, pesca, recursos minerais, etc.), ao desenvolvimento da pecuária intensiva ou ao aumento da captura de animais silvestres - incluindo pangolins, apresentados como um dos possíveis vetores da Covid-19<sup>19</sup>. De fato, a redução drástica da biodiversidade, bem como a multiplicação dos contatos com a fauna silvestre contribuem para expor os humanos a patógenos até então desconhecidos - o Ebola ontem, o coronavírus hoje. Portanto, como a pandemia é "o resultado de nossa relação com a natureza"<sup>20</sup>, a resposta mais adequada deve visar a própria natureza e pelo seu próprio bem. Isso implicaria, antes de tudo, em limitar a influência humana sobre o meio ambiente, em "restringir o nosso território", como disse Virginie Maris. Isso envolveria não apenas a preservação da biodiversidade, limitando a exploração dos recursos naturais, mas também o estabelecimento de zonas de não-intervenção, ou seja, perímetros transformados em

---

<sup>19</sup> Não sem causar espanto, as autoridades aduaneiras da Malásia apreenderam no final de março, em meio à pandemia, um estoque de mais de 6 toneladas de escamas de pangolim que estavam sendo traficadas entre a África e a China. Ver. « Le trafic de pangolin se poursuit malgré le coronavirus », *Reporterre. Le quotidien de l'écologie*, 3 de abril de 2020.

<sup>20</sup> Virginie Maris, « La pandémie n'est pas une vengeance de la terre, c'est le résultat de notre rapport à la nature », entretien avec Barnabé Binctin [entrevista com Barnabé Binctin], *Basta !*, 28 mai 2020.

verdadeiros santuários e livres de qualquer presença humana<sup>21</sup>. Essa estratégia de preservação da "natureza como outro" já está tomando forma através da iniciativa da Convenção das Nações Unidas sobre Biodiversidade; ela também está presente em vários projetos europeus de reconstrução realizados na Polônia, Romênia e Portugal - país este que abriga hoje o maior "corredor para a vida selvagem"<sup>22</sup>, em Faia Brava. Essa orientação estratégica não é incompatível com outros cenários delineados pelos defensores do decrescimento e da luta contra o aquecimento global, cenários que também visam a defender o meio ambiente. Assinado por Yann Arthus-Bertrand, Pierre Rabhi, Bruno Latour e Pablo Servigne, entre outros, foi escrito nesse sentido um "apelo à resistência climática" que almeja alcançar a neutralidade carbônica até 2050<sup>23</sup>. Se o objetivo aqui é o de, novamente, "preservar os seres vivos", os signatários desse apelo usam o efeito colateral da crise da Covid-19 como argumento para relançar a luta ecológica de forma mais ampla (protecionismo ambiental, redefinição do papel do Estado e dos estilos de vida individuais, apologia a um modo frugal de viver, etc.)<sup>24</sup>.

Como tal, essa primeira estratégia pós-Covid se expõe às críticas daqueles que rejeitam qualquer assimilação da pandemia a uma "crise ambiental", vista como uma "espécie de ultimato da Natureza", para usar a expressão do ex-ministro Nicolas Hulot. Para Luc Ferry, em específico, o coronavírus não constitui um "aviso" que deve ser levado a sério o quanto antes, muito menos "uma dádiva para o planeta". Tampouco seria possível se alegrar de uma desaceleração na economia - a mesma desaceleração que os conservacionistas da natureza veem como uma chance ou uma oportunidade a ser aproveitada<sup>25</sup>. Pelo contrário, a solução do que é principalmente uma "crise de saúde" requer os recursos gerados pelo capitalismo bem como as inovações que ele acarreta<sup>26</sup>. A partir dessa perspectiva, o mundo de depois deve mais ou menos assemelhar-se àquele

---

<sup>21</sup> Virginie Maris, «Créer des territoires plus autonomes, plus résilients», entretien à *Médiapart* [Em entrevista a *Médiapart*], 24 de abril 2020.

<sup>22</sup> Julien Descalles, «L'ambition est d'établir un véritable corridor de vie sauvage», *Usbek & Rica*, 7 de janeiro de 2020.

<sup>23</sup> Col., «Après le confinement, il nous faudra entrer en résistance climatique», *Le Monde*, 19 de março de 2020.

<sup>24</sup> Ver a obra coletiva *Retour sur terre. 35 propositions*, Paris, PUF, 2020.

<sup>25</sup> Luc Ferry, «Le coronavirus, aubaine pour la planète?», *Le Figaro*, 18 de março de 2020 ; « Voir un lien entre la biodiversité et le Covid-19 relève du surréalisme », *L'Express*, 30 de março de 2020.

<sup>26</sup> Luc Ferry, « Pas d'écologie sans capitalisme », *art. Cit.*

que vinha antes - *business as usual*. De fato, é através do capitalismo e das tecnologias que o impulsionam que pensamos estar enfrentando os problemas com os quais a pandemia nos confronta. Essa não é a lição a ser aprendida com o que chamamos de "gestão asiática da crise", ou seja, o uso otimizado das tecnologias digitais e biomédicas? Nesse contexto, não se trata, portanto, de limitar a partilha da terra com a fauna selvagem ou de preservar a biodiversidade tanto quanto possível, mas sim de recuperar a economia e reanimá-la - possivelmente sob o pretexto de uma "ecologia para o bem" (Macron) ou da "economia da vida" (Attali). Os "planos" colocados em prática nos vários países desenvolvidos integram dessa estratégia, em parte inspirada pelo "*Green New Deal*" promovido por Jeremy Rifkin. A recuperação seria então uma oportunidade para "tornar verde" a economia: teríamos que dar as costas aos combustíveis fósseis, que se tornaram obsoletos e prejudiciais, para desenvolver energias renováveis (biomassa, eólica, solar, etc.) que gerarão crescimento e impulsionarão o mundo conectado de amanhã [Rifkin, 2012]. Tal perspectiva parece, no entanto, muito ambiciosa e, ao mesmo tempo, muito limitada. Muito ambiciosa porque devemos considerar os laços históricos íntimos entre a produção de combustíveis de carbono baratos e a estabilidade das sociedades democráticas [Mitchell, 2011]. Porém muito pouco ambicioso se considerarmos que a transformação esperada nesse caso deve ocorrer dentro da estrutura das instituições e de seus mecanismos (preço, lucro, distribuição de recursos, mercados) que regulam o capitalismo contemporâneo. No entanto, sabemos que a lógica do capitalismo traz consigo uma exploração desenfreada do homem e da natureza - que se reflete hoje, em diferentes lugares, num relaxamento dos padrões sociais ou ambientais a fim de compensar os efeitos da crise do coronavírus, ou pela retomada de projetos antiecológicos até então contestados<sup>27</sup>.

De acordo com um terceiro cenário pós-Covid, a atual crise do coronavírus tem sua origem justamente no funcionamento da economia, e exige assim a sua revisão. Em outros termos, a Covid-19 não é apenas um evento exógeno e imprevisível que causa um choque negativo com graves repercussões tanto no consumo quanto na produção. A essa tradicional leitura econômica, alguns argumentam que ela é, na verdade, um evento

---

<sup>27</sup> Leyland Cecco, "Canada: minister says Covid-19 lockdown a 'great time' to build pipeline", *The Guardian*, May the 26<sup>th</sup> 2020; Sophie Landrin, Guillaume Delacroix, « Coronavirus: en Inde, la grande casse sociale et environnementale », *Le Monde*, 19 de julho de 2020.

endógeno ao capitalismo, o contraponto dos danos à natureza e a consequência quase inevitável da intensificação do comércio<sup>28</sup>. Nessa leitura, o coronavírus constituiria um sério "aviso" para o fim da lógica capitalista, um "acusador" que destaca e denuncia as falhas das políticas neoliberais<sup>29</sup>. Como escreve Frederic Lordon, "o vírus é o choque inesperado que decorre da destruição das instituições - pelo neoliberalismo - e qualquer tensão adicional ameaça derrubá-las". Estamos testemunhando aqui a inversão do argumento mobilizado pelos arquitetos da recuperação ou do *green deal* europeu: a crise sanitária não é a causa da crise econômica, mas o produto das falhas da economia globalizada, a máxima expressão dos danos causados pelo capitalismo. Esse último estaria, portanto, na raiz do mal, e é desse mal que devemos nos livrar - se o "abalo" causado pela crise da Covid-19 não condená-lo para além do remediável. Nesse sentido, "aproxima-se o momento em que o anticapitalista não será mais uma opção", escreve Lordon: "a natureza está nos oferecendo uma oportunidade com custos "reduzidos", para que possamos perceber isso"<sup>30</sup>. A hierarquia das apostas é clara: como o "capitalismo verde" é quimérico e o decrescimento é um "projeto sem sentido" dentro do capitalismo<sup>31</sup>, é esse último que deve ser combatido antes de tudo na esperança de que a exploração da natureza cesse - isso "com custos reduzidos" e como um instrumento para uma tomada de consciência política.

Por fim, alguns consideram que a rápida degradação do meio ambiente, da qual a crise da Covid é um forte indicador, se refere mais à destruição dos "comuns"<sup>32</sup>, indispensáveis à existência e graças aos quais as comunidades locais viviam em comunhão com a natureza. Nessa perspectiva, a questão da preservação das áreas naturais é inseparável da definição de novos usos, menos predatórios. A ideia não é nova, mas foi recentemente retomada pelo economista Benjamin Coriat, pelo sociólogo Patrick

---

<sup>28</sup> Dominique Pilhon, « Covid-19 : une crise exogène, vraiment ? », *Politis*, 15 de abril de 2020.

<sup>29</sup> Daniel Tanuro, « Huit thèses sur le coronavirus », *Médiapart*, 8 mars 2020 ; Frédéric Lordon, « Coronakrach », *Le Monde Diplomatique*, 19 de março de 2020.

<sup>30</sup> Frédéric Lordon, « Quatre hypothèses sur la situation économique », *Attac Vienne Pays Rhodanien*, 1º de maio de 2020.

<sup>31</sup> Frédéric Lordon, « Problèmes de transition », *Le Monde Diplomatique*, 16 de maio de 2020.

<sup>32</sup> Falar de "comuns" supõe a existência de três elementos: um recurso que deve ser cuidado e preservado; uma comunidade que o utilize e o preserve; e por fim, regras que estabeleçam como usar desse recurso. Os "comuns" estão, nesse sentido, afastados da chancela estatal e das regulações públicas, alheias à apropriação privada.

Pharo, e por Pierre Dardot e Christian Laval, que defendem uma "cosmopolítica do comum"<sup>33</sup>. Segundo Dardot e Laval, a luta contra uma crise de saúde global não pode ser travada sob a égide da soberania estatal: ela exige a implementação da "solidariedade entre os seres humanos" e a instituição de "comuns globais". Por exemplo, é possível que cada país tenha acesso a futuros tratamentos no âmbito da "saúde comum". Entretanto, os defensores do mecanismo clássico da propriedade industrial, que garante as patentes de inovações (terapêuticas), se opõem a essa exigência de solidariedade. Além disso, para esses autores, o ponto central está na autogestão, na deliberação democrática e no advento da governança cidadã: "tudo depende da capacidade dos cidadãos de tomar o controle das decisões sobre suas próprias vidas", escreveram Dardot e Laval. Em outros termos, quando se referem a "habitats", cooperativas ou lutas locais, esses autores insistem mais na descentralização das decisões do que no status da natureza e na preservação de sua alteridade radical; tanto que a abordagem dos "comuns" costuma fazer referência a uma concepção da natureza tida como um recurso. Essa deve, sem dúvida, ser cuidadosamente administrada para preservar seu estoque e sua riqueza, que se manifesta como um "comum fonte de alimentos"<sup>34</sup>; entretanto, tal concepção da natureza dificilmente rompe com o antropocentrismo e o lugar atualmente predominante do homem dentro da biosfera (Tsing, 2012).

Na França, esse é o diagrama de posicionamentos sobre o momento pós-Covid: um reflexo do diagrama das mobilizações pro-meio-ambiente. Esses posicionamento são, como se pode ver, moldadas por uma dupla tensão: por um lado, aqueles cujo pensamento se concentra sobretudo no capitalismo, nos danos que ele causa ou nas esperanças que ele ainda poderia suscitar; por outro lado, aqueles que colocam a ênfase no meio ambiente, insistindo ora na necessidade absoluta de sua preservação, ora na importância de uma regulamentação que se afasta dos usos coletivos que fazemos dele. E nesse contexto, o ponto de fricção reside no fosso irreduzível que separa os partidários do anticapitalismo dos defensores da luta pelo meio ambiente, cujas forças estão dispersas e

---

<sup>33</sup> Patrick Pharo, « La crise du Covid-19 a remis au premier plan les obligations du commun », *Marianne*, 26 de junho de 2020 ; Pierre Dardot, Christian Laval, « L'épreuve politique de la pandémie », *Médiapart*, 19 de março de 2020 ; « Aucune souveraineté d'État au monde ne permettra de prévenir les pandémies », entretien avec Nicolas Truong [Entrevista com Nicolas Truong], *Le Monde*, 5 de junho de 2020.

<sup>34</sup> Claire Legros, « L'aventure citoyenne des semences, commun nourricier », *Le Monde*, 31 de julho de 2020.

que penam, no fim das contas, para conseguir impor qualquer mudança de método ou de perspectiva.

## Conclusão

Os posicionamentos políticos em plena transformação são contestáveis, como evidencia a chamada "surpresa verde" nas eleições europeias de 2019 e depois os resultados obtidos nas eleições locais pelos partidos ambientalistas. Isso ao ponto que, aliás, todas as formações políticas e todas as políticas públicas estão ou adotando uma postura "*environment friendly*" ou se voltando para a "ecologia transversal"<sup>35</sup>. Para tanto, as posições teóricas permanecem bastante intangíveis - para uns, naturalismo ; para outros, uma reflexão sobre as interrelações entre a natureza e o mundo social. Dentro desse quadro geral, os pró e anticapitalistas evoluem de forma totalmente simétrica e com pouca consideração pela natureza, que é vista essencialmente, por alguns, como um recurso e um potencial de crescimento, e por outros, como um sinal de contradições capitalistas. Quanto aos defensores dos "comuns", eles insistem mais nas modalidades de como institucionalizá-los do que sobre a prioridade que deve ser dada a este ou aquele elemento da biosfera. Entretanto, são as orientações teóricas que, no fim das contas determinam as visões do mundo político e delimitam o escopo das políticas possíveis e, portanto, a extensão das reformas a serem empreendidas. É por isso que a transformação mais revigorante e promissora encontra-se, sem dúvida, na reflexão teórica sobre a conservação e regeneração da natureza, sobre a suspensão da colonização antropogênica do mundo ao aplicar-se, por exemplo, um "princípio geral de não interferência" [Maris, 2018, p. 21]. Isso, porém, sob a condição de que todos esses "pensadores do novo mundo"<sup>36</sup> pós-Covid, aos quais a mídia confere certa influência intelectual, também proponham medidas políticas, cuja operacionalização poderia (re)aquecer o debate público. Pois mesmo após um evento da gravidade da crise do coronavírus, a ecologia

---

<sup>35</sup> Corinne Laurent, « Barbara Pompili rêve d'une écologie transversale », *La Tribune*, 8 de julho de 2020.

<sup>36</sup> Nicolas Truong, « Le tournant écopolitique de la pensée française », *Le Monde*, 2 de agosto de 2020.

política corre o risco de vir a ser insignificante e tornar-se palavras vazias caso permaneça no reino da imprecisão e da objurgação.

## **Bibliografia**

CATTON, William R., DUNLAP, Riley E. (1978). "Environmental Sociology : A New Paradigm", *The American Sociologist*, Vol. 13, p. 41-49.

CHAKRABARTY, Dipesh (2009). "The Climate of History: Four Theses", *Critical Inquiry*, Vol. 35, No. 2, The University of Chicago Press, pp. 197-222.

CHAKRABARTY, Dipesh (2016). "Whose Anthropocene? A Response" in Emmett Robert et Lekan Thomas (ed.), "*Whose Anthropocene? Revisiting Dipesh Chakrabarty's 'Four Theses, RCC Perspectives: Transformations in Environment and Society*", no. 2, 103–113.

CHARBONNIER, Pierre (2015). *La fin d'un grand partage. Nature et société de Durkheim à Descola*, Paris, CNRS Editions.

CUCHE, Denys (1996). *La notion de culture dans les sciences sociales*, Paris, La Découverte.

DESCOLA, Philippe (2005). *Par-delà nature et culture*, Paris, Gallimard.

LARRÈRE, Catherine et LARRÈRE, Raphaël (2015). "Sauver le sauvage ? L'idée de wilderness", dans de Larrère Catherine, Larrère Raphaël (dir.), *Penser et agir avec la nature. Une enquête philosophique*, Paris, La Découverte, p. 25-50.

LATOURE, Bruno (1991). *Nous n'avons jamais été modernes*, Paris, La Découverte.

LATOURE, Bruno (2001). "Réponse aux objections...", *Revue du MAUSS*, 2001/1 (no 17), p. 137-152.

LORDON, Frédéric (2019). *Vivre sans ? Institutions, police, travail, argent...*, Paris, La Fabrique.

MALM, Andreas (2017). *L'anthropocène contre l'histoire. Le réchauffement climatique à l'ère du capital*, Paris, La Fabrique.

MARIS, Virginie (2018). *La part sauvage du monde*, Paris, Seuil.

RIFKIN, Jeremy (2012). *La troisième révolution industrielle. Comment le pouvoir latéral va transformer l'énergie, l'économie et le monde*, Paris, Les liens qui libèrent.

SERVIGNE, Pablo, Raphael Stevens (2015). *Comment tout peut s'effondrer*, Paris, Seuil.

STEFFEN, Will et al. (2015). "Planetary boundaries: Guiding human development on a changing planet", *Science*, 347.

TSING, Anna (2012). "Empire's salvage heart. Why diversity matters in the global political economy", *Focaal- Journal of global and historical anthropology*, 64, p. 36-50.

TSING, Anna (2018). "Résurgence holocénique contre plantation anthropocénique", *Multitudes*, 2018/3 (n° 72), p. 77-85.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo (2014). "Perspectivisme et multinaturalisme en Amérique indigène", *Journal des anthropologues*, 138-139, 2014, 161-181.

**Résumé:** Ce texte souligne que la façon dont les sciences sociales ont appréhendé la nature influence directement la conception des luttes pour l'environnement désormais en plein essor. Pour ce faire, les auteurs se basent sur l'analyse d'une sélection d'articles de presse française liés au Covid et aux scénarii post-Covid. Si toutes les formations politiques et toutes les politiques publiques adoptent aujourd'hui un registre *environment friendly*, les positions théoriques restent, elles, assez intangibles entre le naturalisme, d'un côté et une réflexion sur les interrelations entre la nature et le monde social, de l'autre. Quatre positions idéal-typiques sont exposées. Les deux premières, pro- et anticapitalistes, évoluent symétriquement et en faisant peu de cas de la nature, qui est vue essentiellement, par les uns, comme une ressource et un potentiel de croissance, et par les autres comme le signe des contradictions capitalistes. Les penseurs des « communs », de leur côté, insistent davantage sur les modalités de leur institutionnalisation qu'à la priorité qu'il faudrait accorder à tel ou tel élément du vivant. Enfin, les réflexions sur la conservation et la régénération de la nature, apparaissent, en matière écologique, comme les plus ambitieuses, par exemple, en défendant un « principe général de non-interférence ».

**Mots-clés:** Covid. Nature. Environnement. Communs. Luttés écologiques.